

A Renovação Carismática Católica:

CRISLAINE VALÉRIA DE TOLEDO FRANCISCO

“Um novo jeito
(conservador)
de ser igreja”



O campo religioso no Brasil de hoje encontra-se bastante diversificado – são católicos, evangélicos, espíritas, kardecistas, religiões afro-brasileiras e tantas outras, totalizando um sem-número de grupos existentes. Nesse contexto, o mercado religioso brasileiro encontra-se num clima de disputa acirrada por fiéis, e cada grupo propõe soluções diferentes para os conflitos cotidianos, colocando-se como agências de orientação para a difícil arte de viver num país de muitas desigualdades e cidadania para poucos.

A despeito do concorrido mercado das religiões, a Igreja Católica permanece majoritária, reunindo ainda hoje três quartos da população adulta brasileira. Dessa imensa massa de pessoas, a sua grande maioria (61% da população) pertence ao catolicismo tradicional e mantém a religião apenas como identidade social. Porém, convivem no seio da Igreja grupos de fiéis pertencentes aos mais variados movimentos, organizações e associações de culto, que vivem o catolicismo a partir de uma total reorientação pessoal, sendo a adesão religiosa uma escolha individual.

Em *Um Sopro do Espírito*, Reginaldo Prandi privilegia a investigação e análise de um desses movimentos, a Renovação Carismática Católica, fruto de pesquisa que vem realizando desde 1992. O trabalho de campo abrangeu principalmente o estado de São Paulo, além de algumas capitais do Nordeste e Centro-oeste, visando levantar os aspectos gerais do catolicismo carismático no Brasil, bem como suas especificidades e diferenças, não perdendo

de vista a diversidade das realidades e temáticas. Assim, o livro não trata somente do Movimento de Renovação Carismática, mas fornece um painel mais amplo sobre as religiões no Brasil.

Para Prandi, o Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) constitui-se como um movimento conservador, atingindo cerca de 4% da população do país. Eles centram a vida religiosa na esfera da intimidade, desenvolvem acentuado controle moral no âmbito da família, dos costumes e da sexualidade, desinteressam-se completamente dos problemas de caráter coletivo e, por conseguinte, da militância política. O movimento nasceu em Pittsburgh, nos Estados Unidos, em 1967 e foi introduzido no Brasil um ano mais tarde.

A hipótese central do autor consiste na idéia de que este é um movimento de dupla reação, ou seja, voltado ao mesmo tempo *para fora* do catolicismo, como um movimento mais geral e tendo como oposição o pentecostalismo, e como um movimento voltado *para dentro* da própria Igreja, uma vez que vem enfraquecendo as posições assumidas pela Igreja Católica da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base.

Atualmente, encontram-se espalhados por paróquias de todo o país, e uma de suas principais atividades são os grupos de oração, encontros realizados com o objetivo de trazer os participantes para a “vida no espírito”. Liderados primordialmente por leigos, esses grupos de oração são o ponto alto da experiência carismática, onde os fiéis podem orar e louvar de diversas formas e

CRISLAINE VALÉRIA DE TOLEDO FRANCISCO é mestranda em Sociologia na FFLCH-USP.

Um Sopro do Espírito: a Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático, de Reginaldo Prandi, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1997.

com mais liberdade. Outro evento importante do movimento são os Cenáculos, grandes encontros anuais, que acontecem preferencialmente em estádios de futebol e servem também para mostrar a força do movimento para a opinião pública.

Quanto à doutrina carismática, o grupo define-se como “um lugar de renovação espiritual”, “um Sopro do Espírito”, lembrando o evento de Pentecostes, narrado no livro de Atos dos Apóstolos. Percebe-se uma ênfase acentuada na manifestação de “dons espirituais”, principalmente o dom de línguas, denotando também uma clara influência pietista no movimento. Há dois pontos fundamentais nessa teologia: o tema da vida nova e o do senhorio de Jesus Cristo. Em ambos os casos, porém, a presença e atuação do Espírito Santo é fundamental. Como dono e senhor de tudo, Jesus liberta por intermédio da presença do Espírito Santo no coração de cada um, por meio da oração e dos sacramentos. Assim, todos querem ser dominados pelo Espírito e sair leves de corpo e alma. Aparecem aqui duas facetas tradicionais da Renovação: primeiro, a transferência das razões de decisão para um plano fora da racionalidade e, segundo, a aproximação e submissão à instituição católica através da valorização dos sacramentos para a experiência mística do crente.

Um dos capítulos dedicou-se à análise das relações entre o Movimento de Renovação Carismática Católica e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Com concepções de religião absolutamente antagônicas – a RCC mais intimista e voltada para a vida privada e familiar, a CEB com uma fé engajada em questões sociais e voltada para o coletivo –, Prandi procurou observar em que medida a presença da Renovação Carismática em território das CEBs provoca mudanças nas práticas dos adeptos das comunidades eclesiais e de que modo uma e outra respondem a anseios e demandas de seus adeptos. Algumas afirmações de fiéis e padres mostram que esse embate não se dá de forma tranqüila e harmoniosa, mas acaba gerando muitos conflitos e “burburinhos”, bem como um con-

seqüente posicionamento oficial da Igreja frente ao movimento carismático.

Já quando o autor passa a falar sobre o pentecostalismo, as perspectivas são outras. De tudo o que a mídia tem divulgado exaustivamente sobre o crescimento dessas igrejas, com inúmeras publicações sobre o “fenômeno Edir Macedo” e sua “empresa religiosa”, por exemplo, certamente Prandi prima por fugir dos clichês, fornecendo uma análise que desvende aspectos comuns e díspares entre a RCC e os evangélicos. Se para o senso comum esses grupos parecem até se confundir, principalmente pelo caráter emocional que dão aos seus encontros e à ênfase na doutrina do Espírito Santo, só um olhar mais atento pode desfazer esses matizes e mostrar as especificidades de seus discursos – dirigidos a públicos diferentes, os pentecostais abarcam os mais humildes, e os carismáticos principalmente os de classe média. O culto a Maria também é determinante para estabelecer fronteiras entre os dois grupos, servindo para que os católicos tanto afirmem sua fé, como também sua identidade frente àqueles. Há que se lembrar o limite que o texto apresenta quanto aos pentecostais, fornecendo-lhes um tratamento um tanto generalizante, o que não compromete o teor da análise, tendo em vista não tratar-se do tema principal do livro. É importante atentar também para os eventuais movimentos ecumênicos existentes entre esses grupos. Ainda que o culto a Maria, a submissão e a lealdade à Igreja sejam bandeiras importantes da RCC para conseguir o apoio da hierarquia, o fenômeno da possessão do Espírito Santo já tende a superar esses entraves dogmáticos e institucionais. Somado à independência e laicidade dos carismáticos, esse fenômeno vem propiciando, além do diálogo com os pentecostais, uma certa apreensão por parte da Igreja.

Utilizando alguns dados levantados por ocasião de uma pesquisa sua anterior (1), o autor vai tecendo suas conclusões: a RCC atinge hoje um estrato específico da sociedade, na sua maioria provindo da própria Igreja Católica, e pertencente às classes média e média-baixa. As mulheres perfa-

1 Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, “Religiões e Voto: a Eleição Presidencial de 1994”, in *Opinião Pública*, (3) 1, Campinas, jun./1995, pp. 20-43.

zem um total de 70% dos fiéis, índice superior a outros grupos religiosos.

No tocante à relação dos carismáticos com a política, por um lado existe uma clara preocupação de moralizar a sociedade, procurando resgatar os valores da família como o bem maior de Deus à sociedade. Mas, por outro lado, Prandi vai salientar que a política partidária não é desprezada: eles votam e com posições políticas bem definidas, já tendo eleito vários representantes nas câmaras federais, estaduais e municipais. Assim, o que existe é um aparente desinteresse pela política, pelo menos aquela militante, à moda da Igreja Progressista da Teologia da Libertação.

Vale aqui uma frase que condensa a direção de suas conclusões: “Diante da enorme diversidade social do país, é possível sim encontrar variantes do modelo de catolicismo carismático, em que cada ênfase se desenvolve em maior ou menor grau em face das especificidades e demandas locais. Mas essas variantes nunca serão libertárias, nem do ponto de vista da participação dos homens e mulheres na vida pública. A RCC nasceu tradicional e conservadora. A sua mensagem sempre é de retorno, de volta, nunca de avanço”. Se no plano ideológico-político mais amplo desvenda-se o conservadorismo da RCC, de um ponto de vista interno, em relação à própria Igreja, pode-se dizer que se trata de um movimento renovador, tendo em vista a grande valorização da participação dos leigos e da experiência religiosa pessoal, em oposição ao clericalismo institucional.

Ao constatar que na maioria das religiões brasileiras hoje se generaliza a experiência do transe – tanto na religião afro-brasileira, como na pentecostal ou na carismática católica –, Reginaldo Prandi coloca que a consciência do ser humano é temporariamente desprezada, juntamente com sua identidade, em favor de uma intervenção sobrenatural no cotidiano deste indivíduo (2). Assim, para o autor, “a idéia do desencantamento da sociedade, como processo irreversível de mudança sociocultural de abandono da magia, está posta em ques-

ção”. Ao lado do florescimento dessas religiões magicizantes está a crise da sociedade urbana e moderna, bem como sua incapacidade de resolver seus graves problemas sociais, culturais, políticos, econômicos, etc., revelando em última instância a própria crise da razão.

Decerto, são candentes as questões do autor e nos remetem ao debate presente na Sociologia da Religião: a presença da religião de forma crescente na sociedade revela a crise do processo de secularização ou, antes, ajuda na sua aceleração (3)? Religião significa somente sujeição e subordinação ou pode favorecer o processo de autonomização de minorias, como pobres, negros, mulheres, etc. (4)? É possível pensar em fronteiras entre religião e cidadania? Em que medida as religiões se compatibilizaram com a modernidade e pós-modernidade? Estas e outras discussões não se colocam num consenso, mas dividem as páginas das publicações científicas na área de religião.

Para finalizar, há que se dizer que o leitor irá se deparar, sem dúvida, com um livro estimulante. É uma prova de que produção acadêmica não precisa ser sinônimo de sisudez e erudição, mas pode tornar-se material atraente não só à comunidade científica, mas ao público em geral, fornecendo além de uma leitura prazerosa, uma competente análise de nossa realidade. Como nos propõe Prandi, “conhecer melhor as religiões talvez nos permita conhecer melhor esse homem e essa mulher que habitam, solitariamente, a imensidão da cidade brasileira desconhecida e amedrontada”. Fica-nos a idéia de que a busca desse *Sopro do Espírito* por esses homens e mulheres significa mais do que o simples sucesso das mais diversas religiões ou a construção de suas identidades. Os estudos sobre os grupos religiosos no Brasil, inseridos que estão na teia de relações sociais, certamente vêm levantar questões nevrálgicas no que tange à nossa sociedade, algumas delas bem trabalhadas por Reginaldo Prandi; outras, que permanecem abertas a futuras investigações.

2 Observa-se que há também religiões, como o kerdécismo e algumas denominações evangélicas, por exemplo, que adotam o transe consciente, em que o fiel mantém sua consciência e o controle da experiência da possessão.

3 Antônio Flávio Pierucci, “Interesses Religiosos dos Sociólogos da Religião”, in Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil (orgs.), *Globalização e Religião*, Petrópolis, Vozes, 1997.

4 Maria das Dores Campos Machado, *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*, Campinas, Autores Associados; São Paulo, Anpocs, 1996.